

AS CONTRIBUIÇÕES DAS DIFERENTES ESTRATÉGIAS DE LEITURA EM SALA DE AULA PARA AQUISIÇÃO DA LEITURA: O USO DA LENDA AMAZÔNICA MÃE-D'ÁGUA COM FANTOCHES E FLANELÓGRAFO¹

Tainara Helena de Assis Pereira;

Universidade Federal do Pará, t_ainara@hotmail.com

Kelly Regina Almeida de Assunção

Universidade Federal do Pará; kyalmeida@hotmail.com

Viviane Barbosa dos Santos

Universidade Federal do Pará, viviane.santos77@hotmail.com

RESUMO

No artigo abordamos a contribuição de uma estratégia didática para a aquisição da leitura e desenvolvimento da oralidade a partir de uma oficina de contação de história, realizada no segundo semestre de 2015, numa escola Municipal de Educação Infantil e Ensino Fundamental, localizada as margens do rio Guamá em Belém do Pará, na costa da Ilha do Combú. Partindo do pressuposto teórico de que a leitura é um processo complexo a ser desenvolvido e vai além da decodificação e codificação das palavras. Objetivou-se desenvolver atividades que promovessem o desenvolvimento da leitura e da escrita pelos alunos, por meio do contato com a contação de histórias da lenda Mãe d'água, presentes na coleção Quatro Mitos Brasileiros, da autora Monica Stahel.

Palavras Chaves: Contação de história. Estratégias de leitura. Anos iniciais.

INTRODUÇÃO

Alguns autores como Isabel Solé (1998), discutem como a leitura vem sendo desenvolvida em sala de aula e mostram ela como uma atividade competitiva, através da qual se ganham prêmios ou sofrem sanções, tal pratica é feita de forma desvinculada do cotidiano, criando na sala de aula, um ambiente desconfortável e sem motivações, uma vez que, ao invés de incentivar o hábito à leitura e posteriormente formar bons leitores, despertam um sentimento de incapacidade nos alunos. O que tende de acordo com Winograd e Smith (1989, *apud* Solé, op. Cit. p. 90) a prejudicar os sentimentos de competência dos que encontram maiores problemas, o que contribui para o seu fracasso.

Dessa forma, o professor contador de história tem um papel fundamental na inserção do aluno no mundo da leitura. O ato de contar histórias vem sendo amplamente infundido no contexto escolar propiciando um ambiente mais favorável ao aprendizado. Sobre isso, Souza e Bernardino

¹s.m. Quadro de exibição; tipo de tábua que, revestida por flanela ou feltro, é usada para exibir alguma coisa, muito usado por professores em suas aulas; quadro de feltro ou quadro de flanela, usado no desenvolvimento deste trabalho, que se originou a partir de um projeto de pesquisa e exemplificado em forma de oficina.

(2011), afirmam que *em meio ao prazer, à maravilha e ao divertimento que as narrativas criam, vários tipos de aprendizagem acontecem*. Além de levar em consideração que a escuta, pelas crianças, colabora com o processo de alfabetização e letramento, pois trabalham aspectos cognitivos da linguagem, acarretando por sua vez geralmente a aquisição da leitura e da escrita por parte dos alunos.

Quando o assunto é leitura, tornasse necessário levar em conta, que este processo, ainda que demorado, deve estar sempre estimulando os alunos dentro e fora da sala de aula, para posteriormente ser um objeto transformador na contribuição do desenvolvimento da aprendizagem dos mesmos. Sobre isso os Parâmetros Curriculares Nacionais (1997), propõem que as atividades de leituras levem em consideração a diversidade de textos que circulam socialmente, para assim constituir um leitor ativo no mundo literário, incluindo aqueles que ainda não leem convencionalmente. A leitura nas escolas fundamentalmente é um objeto de ensino e para tal, esta leitura deve fazer sentido para o aluno.

A leitura incentiva a criança a ampliar sua visão de mundo, começando pela sua capacidade de percepção à sua volta, ou seja, a partir do ponto em que a criança exerce sua leitura sobre diferentes tipos de texto, ela constrói para si um meio de leitura de mundo a partir de suas compreensões e interpretações adquiridas, assim concordamos com STAHEL (2003) quando diz:

(...) o mundo parece ser feito apenas de coisas que a gente vê nele, mas há outras que não vemos, embora existam, são as coisas que lemos. Elas estão escondidas no meio das letras, e é preciso ler para que elas apareçam diretamente em nossas cabeças. Se não lemos, todas essas coisas que estão guardadas nos livros não aparecem para nós. Quem não lê, só vive uma parte das coisas do mundo, e não consegue conhecer tudo. (STAHEL, 2003, p.12)

A partir do exposto, no artigo abordamos a contribuição de uma estratégia didática para a aquisição da leitura e da escrita, a partir da realização de uma oficina de contação de história, realizada duas bolsistas do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência - PIBID que atuaram como professoras estagiárias no projeto Clube de Ciências da UFPA: um espaço de educação não formal de ensino e de iniciação científica infanto juvenil, onde alunos são estimulados e orientados a propor e desenvolver pequenos projetos de investigação de caráter didático (GONÇALVES, 2000).

Partindo do princípio que o professor necessita fazer o uso de textos com conteúdo conhecidos, presentes tanto na sua realidade como na dos alunos. Para que estes possam saber de que se refere o texto de determinadas leituras, conhecer os objetivos a serem alcançados, acharem interessante a proposta e o mais importante, sentirem capaz de interpretá-lo. Mediante a isso a

atividade teve o intuito de trabalhar a leitura, a escrita e os saberes das crianças a partir do gênero textual “Contos Amazônicos”, por ser algo que valoriza o contexto cultural da nossa região e também que incentiva o imaginário dos alunos.

Para tal, foi utilizado o livro *Quatro mitos brasileiros*, de Mônica Stahel da coleção *Literatura em minha casa*, organizando-nos a partir de três perspectivas: eu ouvi (como eles escutam a história), eu li (como estava escrito no livro) e como eu vou contar (recontar a história usando o flanelógrafo) (STAHEL, 2003, p.04).

A metodologia utilizada está embasada na abordagem qualitativa de pesquisa de Chizzotti (2003) – basicamente técnicas de observação dos alunos participantes, bem como a análise das produções escritas e realizadas pelos mesmos – para assim explicitar as ideias e aprendizagens dos alunos e poder aferir o êxito da atividade didática proposta no que tange a aquisição da leitura e da escrita pelos alunos. As atividades foram desenvolvidas durante a realização do Ciência na Ilha², no segundo semestre do ano de 2015, e postas em prática com uma turma de 26 alunos do 1º e 2º anos das series iniciais, com idades entre 7 a 9 anos.

DESCRIÇÃO E ANÁLISE DA PROPOSTA DIDÁTICA

A estratégia didática proposta, foi desenvolvida pelas professoras estagiárias, que optaram em dividir a oficina em momentos, por acreditarem em se tratarem de alunos que estão no processo de aquisição da leitura e da escrita, a divisão da atividade ajudaria os alunos participarem com maior êxito na conclusão das etapas que serão percorridas a seguir:

No 1º Momento, realizou uma dinâmica com a brincadeira do “telefone-sem-fio”. Foi solicitado aos estudantes que fizessem uma roda e um participante iniciasse a brincadeira cochichando uma palavra ou frase no ouvido do participante ao lado, o mesmo ao ouvir teria de passar a diante da forma que havia entendido e assim sucessivamente, até o último da roda, tendo de repetir em voz alta o que ouviu. A utilização da brincadeira do telefone sem fio, teve por objetivo a exemplificação de como se dá a circulação de uma história entre as pessoas que a contam, visto que, o que costuma acontecer é que a frase ouvida pelo último seja bem diferente daquela inicial. Acontecendo algo parecido de acordo com Stahel (2003) *com as histórias da tradição popular, pois, estas passam de boca em boca, sendo comum que a história mude com o tempo*. Assim, notou-

² O Ciência na Ilha é realizado por professores do Instituto de Educação Matemática e Científica - IEMCI, como ação integrante do Projeto Clube de Ciências da UFPA (CCIUFPA).

se que, ao captar a ideia a brincadeira, eles relacionaram com algumas histórias que já tinham ouvido de formas diferentes.

Após essa dinâmica, foram feitas as devidas apresentações da lenda *Mãe-d'água*, que seria usado na oficina. Começando o diálogo com os alunos, indagados a falarem sobre o que entendiam por lendas. Aproveitamos esse diálogo para acrescentar as demais informações presentes no livro *Quatro mitos brasileiros*, como: o título, autor, editora, exemplificando o que seria contado no livro, destacando o que se referia um conto, uma lenda e um mito, para que pudessem ter um melhor entendimento durante as atividades.

Após essa sondagem, foi apresentado aos estudantes o Painel de Contação de Histórias e os fantoches nomeados de Maria, Palhaço feliz, a centopeia Zeropéia e senhor Saci, Apresentando-os como “Os contadores de história”, neste momento, percebemos que ao usar os fantoches para contar a história, contribuiu para “prender” a atenção do aluno, visto que pela idade dos mesmos, o uso dos fantoches serviu como uma atração cativante para eles. Mesmo sabendo que os bonecos eram usados por alguém, eles respondiam aos comandos e contribuía quando solicitados com entusiasmo, proporcionando um momento de descontração e motivação dos mesmos para a realização da atividade, por que contar e ter que ouvir histórias, é uma forma de leitura.

O 2º Momento refere-se a leitura da lenda com os fantoches. Essa leitura faz parte da segunda etapa da oficina, “eu li”. Os fantoches “liam” a história do livro, para as crianças. Após a leitura, passamos para o 3º Momento, onde os alunos foram divididos em equipes, sendo elas: vermelha, amarela e branca, cada uma com variedade na quantidade dos alunos, entre 8 a 10 alunos, para que pudessem participar da “Gincana Literária”, foi distribuído dez envelopes numerados de 1 a 10, contendo perguntas referentes ao que foi escutado da história, onde cada equipe escolhia um número aleatoriamente, era lido pelas professoras em voz alta e tinham de respondê-las com tempo de 1 minuto e não sabendo a resposta, passavam para a outra equipe, essa gincana apenas serviu como estímulo aos alunos para responderem às questões.

As perguntas eram recorrentes ao texto lido, sobre a lenda e seus os acontecimentos, dando destaque ao que observaram de mais importante na história. Na “Gincana Literária” trabalhou-se atividades de leituras e escrita, reconhecimento de letras maiúsculas e minúsculas. As professoras pediram para os alunos a falarem palavras que foram lidas na história (beijinho, caçador, Durval, encanto, flores, Iara, jiboia, mãe-d'água, Maria, Onofre e papagaio).

O 4º momento, “Escrita e ordem alfabética de palavras lidas nos textos”. Onde as professoras pediram ajuda aos alunos que ditassem palavras faladas na história e ajudando-as a

escreverem no quadro em letra bastão. Com a escrita das palavras no quadro, elas pediram que ajudassem a colocar em outra coluna, as palavras em ordem alfabéticas, mas desta vez se utilizaram na escrita letras cursivas. Neste momento, os alunos se mostraram bastantes motivados e participativos, em relação ao que foi pedido, não demonstrando dificuldades quanto a forma de escrita utilizada pelas professoras (bastão e cursiva) ou, quanto a ordem alfabética.

No 5º momento, realizou-se uma roda de conversa com alunos para entrar na parte final da oficina, “Como vou contar”. Utilizando um Livro Mágico de flanelógrafo, como suporte para esta etapa, a proposta era que os alunos criassem um final diferente para a história da Mãe D’água, a partir de sua imaginação dessem sequências nas histórias, realizando uma produção de escrita e desenhos, para depois explicar dentro do Livro Mágico. A história em flanelógrafo consiste num processo dinâmico e progressivo de aprendizagem em pequenas etapas. A atenção da criança é gerada pelo fato dos seus personagens ficarem soltos no quadro ou um livro grande, podendo movimentar-se à vontade, enquanto a história se desenrola. Os desenhos ficam destacados, não há muito detalhes, mas apenas o essencial para ilustrar a história descrita. O que os deixou empolgados em contribuir na continuação a história e dar um final de acordo com a ideia de cada um.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dentre os objetivos das oficinas pedagógicas, está a promoção de forma prática, de elementos que ajudem no processo de aprendizagem dos estudantes. Nesse interim, em todo o processo, desde a pesquisa até a execução da proposta didática. Foi possível perceber que houve uma significativa contribuição para a aprendizagem tanto para as professoras quanto para os alunos.

Para as professoras promoveu aprendizagens por meio das experiências vivenciadas em sala de aula, e para os alunos por que ao fazerem uso de textos que faziam parte de seu cotidiano, a leitura tornou-se mais leve e atrativa, aguçando a curiosidade e a vontade de aprender dos alunos, o que corroborou para motiva-los a participar da atividade proposta.

Desta forma, a atividade didática proposta, configurou-se em uma estratégia interessante de ensino no que diz respeito a aquisição da leitura e escrita por alunos das series iniciais, visto que o objetivo proposto foi, a promoção da aquisição à leitura e da escrita assim como os saberes dos alunos por meio da utilização de uma estratégia didática que utilizou o gênero textual “Contos Amazônicos”, usando-o como instrumentos pedagógicos o contexto dos alunos fora alcançado.

Ressalta-se, que a pratica da leitura não se resume apenas a possibilidade de identificar grafemas e fonemas, mas sim em “formar futuros leitores”, para isso torna-se necessário que os

envolvidos nessa empreitada lancem mão de estratégias didáticas que facilitem o processo de aquisição da leitura e da escrita, possibilitando que os alunos entendam as informações presente na leitura realizada e passem a compreender o que eles escutam nas histórias. Tornando-se capaz de fazer a leitura do mundo a sua volta, e assim, quem sabe futuramente, compreender melhor a linguagem, dos símbolos e dos códigos presentes no mundo letrado, conhecimentos tão importantes para a sua inserção na vida em sociedade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARCELONA, Laia (ed. Original, 976), FOUCAMBERT, J. (1989), como ser Leitor.

CHIZZOTTI, Antônio. A pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais: evolução e desafios. Revista Portuguesa de educação, año/vol 16, nº 002. Universidade de Minho Braga, Portugal. Pp. 221-236, 2003.

BRASIL. MEC. SEF. Tecnologias da comunicação e informação. In: **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental. Introdução aos parâmetros curriculares nacionais (5ª parte)**. Brasília: MEC/SEF, 1997.

GONÇALVES, T.V.O. Ensino de ciências e matemática e formação de professores: marcas da diferença. Tese de Doutorado. Unicamp. Campinas, São Paulo: 2000.

SOLÉ, I. **Estratégias de leituras**/Isabel Solé; tradução Claudia Schilling – 6º ed. – Porto Alegre: Artmed, 1998.

SOUZA, Linete Oliveira de, BERNARDINO, Andreza Dalla. **A contação de histórias como estratégia pedagógica na educação infantil e ensino fundamental**. Educere Et Educare. Vol. 6 nº 12 Jul./dez 2011. p. 235-249.

STAHEL, Mônica, **Quatro mitos brasileiros**; ilustrações de Patrícia Lima. – 1. ed. – São Paulo: Martins Fontes, 2003. – (Coleção literatura em minha casa; v. 5. Tradição popular).

WINOGRAP, P. N.; SMITH, L. A. (1989) Mejorar el clima en la enseñanza de la lectura. Comunicación, language y educación, 2, p. 13- 21.